



TEMPLO DE KUGOPEA.

O Thibet forma a parte meridional dos grandes planos elevados da Asia central; é limitado ao norte pelo Turkestan china, ao nascente e ao sueste pela China, ao sul e ao poente pelo paiz dos birmanes, o Boutan e o Indostão, separando-a deste ultimo a cordilheira do Indostão.

A sua população consta de duas castas diferentes; os verdadeiros indigenas chamados Bodh e os mogoes; os primeiros distinguem-se pela physionomia que nada se parece com a dos tartaros, porem muito com a dos judeus; estimam as mulheres e geralmente o marido só tem uma, posto que a polygamia lhe seja permittida; são de indole branda e affavel, e tolerantes em pontos de religião, de mauei-

ra que facilmente concedem o casamento de suas filhas com mahometanos; comem sem escrupulo algum as iguarias preparadas por pessoas que não sejam da sua creença, o que na India seria considerado pelos Bramanes mancha e peccado imperdoavel.

A religião dominante assim no Thibet como em Boutan é o *lamaismo*, que em poucas cousas differo do *buddhismo* ou religião de Fó. Os templos magnificos assemelham se muito aos dos bonzos da China; outros porém ha de singular estrutura. O que acima vai representado é o de Kugopéa, sito na extremidade do nordeste do vastissimo mosteiro de Teschulambú; como se vê, a sua apparencia é extraordinaria; n'elle se guardam os retratos de todos os so-



beranos lamas que tem reinado no paiz, e os paineis de todos os differentes assumptos da mythologia thibetana; é além d'isso consagrado a diversas ceremonias mysticas.

### POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

#### III.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE.

1731 — 1779.

#### VI.

O que sobretudo deve admirar-se no engenho do Diniz é a rara facilidade com que moldava o estilo e a versificação, sobresahindo em generos quasi oppostos, e quasi a um tempo colhendo os louros de Pindaro, e apanhando as rozas mimosas, que entração a coroa do cantor de Teos.

Parece incrível, que o mesmo poeta pudesse transformar-se de repente, e que tentasse com igual mestria os bellos impetos da ode heroica, e logo depois, mavioso e terno, que subesse pulsar com brandura a lyra, em que suspiram as canções suaves e os risos levianos da musa jovial de Anacreonte.

Estes poderes, que revelam aptidões poucas vezes reunidas em um só talento, constituem a verdadeira superioridade, com que Elpino dominava os outros arcades, talvez mais apurados e correctos no limitado campo, que escolheram, mas de certo muito menos fecundos e variados nas manifestações, em que provaram a vocação.

O Quita, e o Garção, embora o excedam, um nos primores da forma classica, e o outro nas gallas desafectadas do idyllio romano, apenas entram em competencia, tem de ceder diante da veia espontanea e do arrojo feliz, com que o estro do seu emulo, sem empalidecer de fadiga, percorre os diversos modos da poesia da epocha, realçando n'estes como o primeiro, hãmbreando n'aquelles com os melhores, e em bastantes occasiões offuscando-os, se os não iguala sempre.

Depois de abrir nova estrada, tão perigosa por entre os precipicios, que de toda a parte ameaçam o delirio pindarico, sigamos ainda o cantor em outro vôo, e paremos nas frescas e amenas descrições, que lhe inspirão os sentimentos meigos, e as saudades nem tristes, nem amargas, que em horas de amavel melancolia enlevam a alma entre sorrisos, recordando-lhe as alegrias e illusões de hontem, e avivando-lhe as esperanças e os receios do dia, que vai passando.

Entremos n'esse vergel de flores que a sombra de Anacreonte teceo de grinaldas e festões!

Ahi nada faz lembrar os turbilhões aceros em que se desata a imagem opulenta, a ideia grandiosa, e a sublimidade heroica do himno thebano; pelo contrario, a cada passo, por entre as folhas viçosas de que se vestem os arbustos, as graças, córando, ora se escondem, ora apparecem, ligeiras, voluptuarias, e formosas.

A singelesa é o seu ornato, a naturalidade o seu encanto, e se os olhos deixam escapar uma lagrima, se o peito palpita com mais calor, demorando-nos um instante, veremos o riso bebel-a sem magoa, e o praser affogando a queixa.

Affirmar, porém, que a imitação de Anacreonte em Elpino sahio perfeita e completa, seria asseverar uma inexactidão.

Se ha forma, que se esquive, e se não deixe copiar pelo pincel mais pezado das linguas modernas, é de certo a graciosa e leviana musa do velho de Teos. A finura do desenho, a sombra transparente, e a cor melindrosa, emfim a infinita delicadeza de traços e de expressão, que é o mimo das odes do poeta grego, são tão arduas, ou antes são tão impossiveis de transportar para as litteraturas da renascença, como o entusiasmo e o esplendor nos arrebatamentos de Pindaro.

Aproximar-se do modello, commetter a lucta, e voltar do torneio com applauso merecido; eis o mais, que podia tentar-se, e o que Elpino conseguiu. Depois d'elle Bocage, Malhão, e Caldas, entre outros, disputaram com exito a victoria aos estranhos mais louvados; mas o exemplo existia, o trilho já era conhecido, e os maiores perigos estavam superados. Antonio Diniz, n'este genero, mostra-se com tanta vantagem, que ha quem hesite em resolver qual das suas palmas deva preferir, se a pindarica, se a anacreontica.

Para nós a ultima é a primeira. Ignoramos se o juizo dos cultos confirmará a sentença, como desejaríamos: mas não nos move o orgulho de apreguar uma novidade critica, nem o capricho de enristar a lança em abono de um paradoxo.

O que dizemos, sentimol-o; nasceu do exame das duas formas, da ponderação das difficuldades vencidas em ambas, e da confrontação, quanto possivel, sincera e desapaixonada, da imitação com os modellos.

Talvez o Malhão se prenda mais ao cantor grego, e corra os dedos pelas cordas com mais desalinho, e ás vezes tambem com ingenuidade mais graciosa; mas falta-lhe quasi sempre o que ao Diniz não esquece senão por lapso, a galla natural do estylo, a suavidade espontanea dos toques, e o relevo da idea e da imagem, completando-se uma á outra, e sumindo o artificio em um sorriso.

Nas quarenta e uma Anacreonticas de Elpino, que offerece a collecção publicada em 1812 sob os auspicios d'um douto Academico, ha tantas dignas de se apontarem com elogio, que se não contasse outros titulos bastaria este só para honrar a memoria do auctor do 'Hyssope'.

Não exageramos; e senão observe-se. N'estes assumptos as provas devem acompanhar as asserções.

Abra-se o volume ao acaso; a anacreontica XVIII é a primeira, que nos salta aos olhos, escutemos:

Essa linda borboleta  
De cem côres esmaltada,  
Que em mil giros inquieta  
D'estas rosas namorada,  
Ora as cerca, ora bafeja  
Ora-as pica, morde, ou beija.

He um vivo emblema claro  
Do que sinto, amado emprêgo.  
Sim, oh Clori, eu t'o declaro:  
Borboleta sem socego  
He meu terno coração;  
Os teus labios rosas são.

Como a pintura da primeira estrophe, fresca e viva foge ligeira pela face do quadro para servir de fundo ao pensamento amoroso, que a inspira!



Como é graciosa a comparação dos sobresaltos e devaneios do affecto com o voo rapido e inquieto da borboleta, que na mesma hora pica, morde, e beija as rosas que namora!

Anacreonte mesmo, não engeitaria esta risonha e mimosa imagem.

Mas continuemos. Na palheta do poeta as cores varião como na sua phantasia os desenhos mudão a cada instante.

Ouçamol-o antes, descrevendo a brevidade da vida e as doçuras da serenidade em todas as condições.

É um reflexo da philosophia de Horacio no tecido fino e transparente da poesia de Teos.

Ves, Lisio amado, (1)

Como branqueija  
C'o a neve o prado!  
Ves como alveija  
Do calvo monte  
A crespia fronte!  
Como soprando  
O Noto frio  
Vai congelando  
O claro rio  
E na floresta  
As plantas cresta!

.....  
À branda chama  
Que em secos troncos  
Arde e se inflama,  
Do Noto os roncões  
Escutaremos,  
E beberemos.

.....  
Voam os annos  
E o tempo leve  
Cobre de danos  
A vida breve,  
Que por fim sega  
A morte cega.

Todos os paineis, que sem canção alterna, e renova, são acabados com o mesmo esmero.

É sempre a mesma graça, a mesma sobriedade attica, o mesmo gosto castigado e puro.

A lingua obedece-lhe, e o verso, docil e flexivel, dobra-se sem esforço para representar a idéa na sua belleza concisa, e a forma ornada com a negligencia elegante, que é o segredo seductor da sua formosura nas poesias fugitivas.

Só Bocage, e ás vezes Belchior Curvo Semedo possuiram o dom rarissimo de se tornarem assim familiares com as musas, sujeitando-as, humanisando-as a ponto, que mais se julgariam escravas, do que inspiradoras.

A doçura do metro rivalisa com a vivesa do colorido; e a jovialidade, apagando-se e renascendo, acha sempre uma sombra para se encubrir, ou um raio de luz temperada para se illuminar.

Na ode XXVI, Elpino em uma descripção matizada de metaphoras oportunas, enfeitada de boninas e de rozas a belleza, que adora, e estremecendo-a com o terno suspiro dos anciosos desejos, abraça-se ardendo em esperanças com a saudade, e parece encher de vida a propria ausencia:

Em seus cabellos  
Negras violas

Tem o meu bem;  
Nas mãos pequenas  
Tem açucenas  
E lyrios cem.

Flôres tão lindas  
Abril não tem.

Em sua bocca  
Vermelhos cravos  
Abrir se vêm:  
Purpureas rosas  
Tem nas formosas  
Faces tambem.

Flores tão lindas  
Abril não tem

No niveu seio  
Oh que flôres  
Brotando vem!  
Branços jasmims  
Mil mogarins  
Lyrios tambem.

Tão lindas flôres  
Vigião bem!

Flôres tão frescas  
Oh quem colhêra!  
Oh ceus! Oh quem?  
Mas mil amores  
Tão frescas flôres  
Em guarda tem.

Quem as colhera!  
Oh ceus! oh quem!

Como o cendal, que vela a furto a allusão da penultima estrophe é diaphano, e ao mesmo tempo, como, denunciando o calor da paixão, desvia a vista de qualquer nudesa!

Vê-se a chama romper do peito, vêem-se os olhos devorando mil occultos encantos entre as flôres simbolicas, sentem-se os labios frementes, e amorosos, recuarem e aproximarem-se promptos a deixarem escapar o lascivo beijo, a que os convidam! Assim é que a pintura poetica atrahê e satisfaz.

Se o veu fosse mais raro rastejava-se atraz do prazer grosseiro dos sentidos; se acaso se apertasse mais avaro, escondia-nos bellas, que sem crime podemos admirar.

Para concluir, observemos agora o Diniz, medindo-se corpo a corpo com os exemplos do mestre.

Notemos como elle imita em paraphrase uma das canções do velho de Teos; e admittida a immensa distancia que separa a nossa da lingua grega, contemplemos a lucta com a imparcialidade de verdadeiros juizes.

A sombra suave  
Que esta arvore lança,  
Armia, te senta  
É um pouco descança.

Como ella é formosa!  
É o zephiro brando  
Os ramos lhe move  
Entre elles brincando.

O rio que cerca  
Sua agua derrama  
Com seu mormurinho,  
Pastora, nos chama.

(1) Anacreontica XII.



As tenras hervinhas  
Que em torno florecem  
Oh que molle assento  
Cheirosas nos tecem.

.....

Depois disto, quem estiver bem presente no texto de Anacreonte, e o confrontar com os versos de Elpino, de certo não contrariará os louvores que sem receio temos concedido n'este genero ao imitador de Pindaro.

L. A. REBELLO DA SILVA.

### NA EXTREMADURA.

A JOÃO PEDRO DA COSTA BASTO.

### III

(Continuado do n.º 11.)

A tarde ia em mais de meia quando aquelle suave silencio foi interrompido por um clamor que revelava profunda agonia. Vinha de terra. N'um pulo o coronel estava á proa, e Pedrosa corria a abraçar-se com a panella, porque o bico da boia do coronel a fizera oscillar. N'este momento o Janota aproximava-se da foz do Almenda e a linha dos salgueiraes era interrompida por uma clareira. Um homem e um rapaz corriam para a margem. Quasi á borda d'agua atiraram-se de joelhos com as mãos erguidas. As suas palavras, soltas, baralhando-se, cortadas pelo choro, não faziam sentido. Mas o olhar vago de ambos, os seus meneios desordenados exprimiam uma angustia profunda.

O Janota abicou em terra. O coronel fez todos os esforços para perceber a causa daquella agonia. Era empreza porém mais difficil do que domar os caprichos quasi mulheris do Tejo.

Nanoel Consolado, em cujo rosto de bronze na cor, de bronze na immobildade, nem uma unica ruga se contrahira ou se desligara, saltou então á proa, tocou levemente no braço do coronel, apontou pelo rio abaixo e murmurou: «Um barco encalhado!» Nunca Vossio, Casaubono, ou Turnebo tinham explicado com tanta clareza e em tão curta phrase um texto confuso de classico antigo, como o arraes traduzia a eloquencia da voz e do gesto dos dous naufragos; porque já se vê que eram dous naufragos aquellas duas imagens da desolação.

Eis nos descendo o rio de voga arrancada. Vendonos retroceder cosidos com a margem o homem e o rapaz começaram a correr na mesma direcção. Em pé á proa, o coronel inclinado para diante parecia devorar o espaço.

De quando em quando voltava o rosto e uma palavra rude e energica ia incitar o ardor dos remeiros; como um cavallo esportado, o Janota parecia galopar por entre os frocos d'espuma: Não tardámos, a descortinar a scena que chamava por nós.

Era um desses mil accidentes a que está sujeita a navegação de um grande rio, cujo regimen ainda deve tão pouco á sciencia, e que lhe offerece tantos problemas difficéis. Nada mais incerto do que o seu curso durante o estio, desde a Barquinha para baixo. No leito movediço por onde se espreguiça, ninguem pode dizer onde passará ámanhan a grossa arteria que passa hoje aqui, ou que elle se não bifurque por dous canaes diversos, ou que finalmente não deixe uma restinga de areia boje e um canal mais ou me-

nos profundo. Entre o navegante do Tejo e o seu baixelzinho realisa-se na expressão mais absoluta o famoso principio de Bastia, a mutualidade dos serviços.

Agora o barco leva o barqueiro; logo carrega o barqueiro com o barco. O barco do Tejo é nos ultimos mezes do verão uma especie de nababo indio: gosta de viajar em collo de homens. Mas ao menos os parias da india conduzem o palanquim a pé enxuto: o paria do Tejo para exercer o seu triste mister tem de patinhar, mettido até ao joelho, no leito das Tagides gentis. O barqueiro d'estas paragens é no estio uma especie de ichtiosauro, do amphibio ante-diluviano que na estação invernosadescende aos tempos históricos e se incorpora de novo nas fileiras da humanidade.

O facto que nos compellira a descer a veia d'agua resumia-se em pouco. Um barco de cereaes tinha-se aproximado demasiadamente da margem com a sua pezada carga. A corrente era impetuosa, apesar de diminuido o volume das aguas pela estiagem. Uma arvore trazida pelas cheias do inverno, submergida juncto á margem, estendia o cepo e as longas raizes para o canal. O barco varou n'aquelle cachopo do lenho, abriu e começou a afundar-se. Felizmente o abysmo não era o do oceano: reduzia-se a poucos palmos de profundidade. Com a proa erguida acima do lume d'agua, o nababo do Tejo parecia um sybarita banhando-se voluptuosamente pelo frescor da tarde.

O que não era nada voluptuoso nem sybaritico era o dizer e fazer do coronel. Similhante ao cysne rompendo pela superficie do lago espelhado e vindo topar em cheio com os peitos na borda arrelvada, o Janota embebeu a proa nos arbustinhos rasteiros que orlavam o theatro do naufragio. N'um relancear d'olhos vimos as momentosas botas em que o coronel anda meio sepultado descreverem no ar uma elegante parabola e atufarem-se na agua com seu dono, rociando-nos um pouco mais que agradavelmente com a clara limpha do nosso patrio rio, como se dizia n'uma piscatoria classica. Era eloquente exemplo. Os remeiros do Janota passaram um apoz outro por diante de Pedrosa collocado á frente da sua panella, e como Decio arrojaram-se á voragem. Não houve uma hesitação; não se proferiu uma unica palavra.

Aliviado de parte da carga com trabalho incrível o barco foi arrastado mais para terra, e os saccoes de trigo conduzidos para uma pequena elevação. O resto pertencia aos naufragos. Os remeiros galgando de novo a bordo do Janota pareciam uma especie de faixas hydraulicas. Só as pregas das escandalosas botas do coronel transportavam agua capaz de sophismar toda a adega dos antigos frades de Alcobaca. Dir-se-hia que os estudos do nosso amigo se estendiam tambem a excogitar o methodo mais rapido e economico de fazer aguada.

Tinhamo nos demorado mais de uma hora: um barco de bagagem, que ficara em Santarem veio entretanto alcançarmos. Foi uma boa fortuna. A tarde que se aproximava do seu fim, começara a refrescar e os pobres remeiros do Janota alagados até os ossos tiritavam de frio. A mudança, porém, de roupa e uma honesta distribuição de aguardente restituiram a todos o conforto e com elle a alegria, que desapparecera.

O Janota içou as vellas á forte brisa da tarde, o sol precipitava-se para o occaso e os seus raios quasi horisontaes rociavam aguas, arvores, campos e



eminencias de tremulos reflexos. O quadro sempre cambiante, que lentamente se despregava por um lado, enquanto por outro se ia sumindo ante a proa da nossa gondola, viamo-lo indéciso atravez de uma poeira de ouro de que a atmospheria parecia impregnada. O espaço que retrocederamos galgámo-lo de novo em breve tempo; mas da banda do oriente o grande vulto da noite escondido ainda detraz das cumiadas das serras mais distantes, sacudia já do seu manto para o céu algumas sombras vagas que se enovelavam com as frouxas ondas da luz que esmorecia.

Contavamos com chegar ainda hontem á Barquinha, mas foi van a nossa esperanza. O vento saltou de repente a nordeste e descabiu em calma. Estavamos além da foz do Almonda e seguíamos ao longo dos extensos arvoredos que bordam as chamadas Praias do Infantado, e que mascaram as planicies da Golegan, quando Manuel Consolado declarou que não poderíamos passar com dia além da Chamusca. A povoação alveja a pouca distancia sobre uma encosta para o interior na margem esquerda do rio. Nem uma aragem contrastava a corrente, que os remeiros rompiam a custo, e o sol não devia tardar a desaparecer no horisonte.

O incidente que nos sobreviera demorara os preparativos do jantar. Pedrosa, interrompido brutalmente nas suas cogitações culinarias, atara de novo o fio das idéas apenas restabelecida a ordem, tanto é certo que a ordem favorece o progresso das idéas e as artes da paz. Que os sabios entretidos diariamente em provar-nos essa verdade tão nova como difficil permittam que ponhamos : qui o facto de Pedrosa á disposição da sabedoria. Vimo-lo entrar no camarim, e n'um relance a secretária estava convertida em meza de jantar. Brevemente a sopa fumegou ante nós sorrindo ao nosso robusto appetite.

Mas o coronel com os olhos fitos na terrina carregava o sobrolho. Poz-se depois a espiar amorosamente o bigode, ora de um ora de outro lado, murmurando : «Temos aziela!»

A vermelhidão assomou, fixou-se e esmoreceu lentamente nas faces do soldado, em pé e militarmente immovel á porta do camarim, ao ouvir proferir duas vezes em tom de reprehensão aquella phrase ainda inintelligivel para mim e para B.

A aziela é na linguagem ribatejana a enchente modesta, a enchente pacifica, a enchente que não arromba os vallos e tapadas, nem inunda as campinas. A aziela dá ao Tejo a sua magestade, sem o rodear de terrores; vindica-lhe a realza sem o impellir á tyrannia. O coronel adoptara metaphoricamente a designação do phenomeno fluvial para stigmatizar a desharmonia entre o solido e o liquido quando este ultrapassava os limites do justo na pannela de Pedrosa. Ora no entender do implacavel coronel, dava-se hontem a bordo do Janota uma dessas desharmonias.

Eu e B. protestámos contra as exaggeradas apreciações do almirante do Tejo em quem o dilatado mergulho daquella tarde evidentemente produzira tendencias desarrazoadas para a hydrophobia.

Combatemos com vigor essas tendencias. A sopa estava excellente. Pedrosa olhava para nós, e no seu olhar pintava-se a gratidão. A justiça não desapareceu inteiramente da face da terra. Correu o canhão da fardeta pelos olhos. Provavelmente a lagrima, que a accusação suscitara mas retivera, tinha-lhe rodado insensivel atravez das palpebras, afagada pela eloquencia da defeza.

Quando acabamos de jantar o sol tinha-se escondido já no poente, e o Janota lançara ferro defronte da Chamusca. Uma aragem quasi imperceptivel trazia nas suas ondasiuhas os perfumes da vegetação marginal. As sombras vagas do lusco fusco brincavam nos grupos de arvores, que se tornavam moesios á medida que os ultimos clarões do dia, retirando-se, deixavam de rendilhar-lhes a ramagem e de circumscrever-lhes os contornos. B. e o coronel tinham accendido os charutos e estendidos nas banquetas do camarim seguiam com os olhos o fumo branco que mal se divisava já. Eu encostei-me á janella que olhava para a margem direita, contemplando ora as aguas que se faziam cada vez mais escuras scintillando a espaços, ora o firmamento que tambem se enegrecia, e onde as estrellas pareciam vir gradualmente engastar-se e refulgir: iluminação esplendida, que o sol, precipitando-se para além dos mares, deixava pouco a pouco pendurar-se na immensa fachada do ceu.

E assim passou talvez uma hora em que os murmúrios de terra foram esmorecendo. Sentia-se apenas o ruido quasi inaudivel da veia d'agua que se rasgava na proa do Janota e forcejava por unir-se ao longo dos costados. O silencio, no meio do qual cada um de nós soltara o espirito a vaguear, sabe Deus por onde n'um passado extinto ou n'um futuro incerto, só foi interrompido pela entrada de Pedrosa, acompanhado por um dos remeiros. Vinha transformar o camarim em alcova. Era preciso aproveitar o tempo. Ao romper d'alva tudo devia voltar ao primitivo estado, para proseguirmos Tejo acima.

A luz da aurora veio despertar-nos do primeiro somno e ultimo somno d'aquella noite. As notas das impressões recebidas hoje cobrem já algumas paginas do meu *album*. Contamos com pernoitar em Abrantes. D'alli remetterei essas notas se poder redigi-las. Estas são já assaz extensas. Cumpre parar aqui.

A. HERCULESO.

#### AS DUAS FRAGATAS.

O sol no mar se abismava,  
E da noute o denso veu,  
D'estrellas se recamava,  
Estendendo-se no ceu.  
O oceano socegado,  
De eterna luta caçado  
Parecia agora dormir.  
Nem uma briza gemia;  
Só muito ao longe se ouvia  
Triste a voz d'Alejon carpie!

De repente o ceu taldou-se,  
Rugiu ao longe o trovão;  
E acordando o mar turbou-se  
Revolto pelo tufão;  
Erame, ferve, corre irado,  
Se por Deus não fór domado  
Toda a terra inundará!  
Só de ouvil-o as caravanas  
Pelas praias Africanas  
Erguiam tremendo — Ah!

Já nem fulgura uma estrella,  
Rápida a noute avançou.  
Da negra cor da procella  
O horisonte se fezrou.



Das nuvens que vem rasgando,  
Desce o raio no ar lançando  
O seu fulgido clarão.  
—Arriba—órça! — bradaram  
Duas vozes que vibraram  
Do meio do furacão.

Um clamor tremendo e forte  
Que o mar não pode abafar:  
Grito de angustia, de morte  
De quem vai a naufragar;  
Dos dous navios partira,  
Quando n'elles se sentira  
Um contra o outro bater!  
Passaram alguns instantes,  
Sem que a voz dos romandantes,  
Se fizesse obedecer.

Orça, Timoneiro! — Arriba! —  
Clamam os dous outra vez:  
Corre a genta ao páu da giba  
E os capitães ao gurupés;  
Redobram de esforço e brios:  
Cedem por fim os navios,  
Começando a governar;  
Um que virou pelo vento,  
Logo tomou barlavento,  
E foram andando a par.

Nem uma falla trocaram  
As duas tripulações;  
Nem os nomes perguntaram  
Dos navios e nações!  
Nem uma á outra equipagem  
Bradara o — boa viagem! —  
Que é uzo dizer no mar.  
Porém ambas se entendiam;  
Eguaes manobras faziam  
Para se não separar.

A manhan já vem rompendo,  
Acalma-se o temporal;  
Vão os dous sempre correndo  
Com amura e vento equal;  
E do dia á luz primeira,  
De ambos os dous a trincheira  
Mostra as bocas dos canhões;  
De ambos os dous nas cobertas  
As portinholas abertas,  
Deixaram ver os murrões!

Eram Fragatas de guerra,  
Ambas da mesma nação;  
Mas sendo d'uma só terra  
Não têm equal pavilhão! . . .  
Sobre a tolda, vigilantes,  
Ambos os dous Comandantes  
Pegaram no Porta-voz;  
Como hesitando se olhavam:  
A mesma lingua falavam,  
Tinham os mesmos avós!

—Oh! do navio! Atravessa!  
Onde vens? E aonde vaes? —  
E tu? que Fragata é essa?  
Pertence aos nossos leaes? —  
Venha um escaler á minha. . . .  
Viva o rei! — Viva a Rainha! —  
Mete em cheio! — Deixa órçar! —  
Atravessa a gavia e gata;

Rende-te com a Fragata,  
Se não eu vou-te arrazar! —

—Iça flamula e bandeira!  
Quer-me arrazar! vamos ver...  
Fogo á bateria inteira!  
Cheio mais! Deixa correr. —  
Bradam na outra Fragata!  
—Caça a gata e sobre-gata!  
Que eu tambem responder sei;  
Grande e gavia a solavento!  
Secco e gata a barlavento!  
Fogo! fogo! viva o rei! —

—Bateria de Bombordo!  
Tudo prompto a repetir!  
Ála os braços de estibordo!  
Deixa a Fragata seguir. —  
Fogo! — Fogo! — ambos bradaram;  
De novo se dispararam  
Ao mesmo tempo os canhões;  
Cincoenta ballas partiram;  
Ao mesmo tempo cahiram  
As duas mastreações!

Entre o fumo que os esconde,  
Cada vez com mais furor  
A voz do canhão responde  
Ao seu barbaro rancor!  
As Fragatas já sem rumo,  
Por entre as nuvens do fumo  
Vão emfim abalroar!  
Arrazadas ambas ellas,  
Sem leme, sem mastro, e vellas.  
Ambas quasi a naufragar!

Mas o combate não cessa!  
Quando se cala o canhão,  
Outra peleja começa  
Peito a peito e mão por mão!  
Como feras se espedaçam;  
Ardendo em furia se abraçam,  
Succumbem da mesma dor!  
E no oceano adormecido  
Tomba primeiro o vencido;  
E depois o vencedor!

Nas avarias abertas  
Entra a golfadas o mar;  
Sóbe a cima das cobertas  
E a carnagem faz parar!  
As Fragatas enrascadas,  
Vão como Irmãos abraçadas  
No mesmo leito dormir;  
Dos seus odios esquecidas,  
Se foram rivaes nas vidas  
Egual morte as vae unir.

Sobre as pópas, vacilantes,  
Se procuram conhecer,  
Ambos os dous commandantes  
Que acabam de combater.  
—Irmão! — Irmão! — Comovidos,  
Do passado arrependidos  
Ambos iam esclamar;  
Eis que os abismos se abriram,  
E quando depois se uniram  
Só se via o ceu e o mar!



## ABERTURA DO ISTHMO DE SUEZ.

## III.

Da povoação e enseada de Suez no mar Roxo ha sufficientes noticias em varias partes d'este semanario que já indicamos; como o canal agora projectado tomará a direcção de Suez a Pelusia, marcaremos este ultimo sitio.

Tineh, a *Pelusium* dos romanos, que a Biblia denomina Lobna, era uma cidade importante do Baixo-Egypto, situada na boca oriental do Nilo, chamada *braco pelusiaco*, a uma pequena legua das praias do Mediterraneo. Os arredores sempre foram pantanosos, e hoje só existem poucas ruinas em meio de lagoas e charcos. Antigamente foi considerada como a chave do Egypto.

Passando agora a tratar dos trabalhos da commissão internacional para investigar o meio e direcção mais facil de cortar o isthmo africano, vemos que terminou as suas explorações, e appresentou seu relatório ao vice-rei do Egypto, Mohammed-Said-pachá, em 2 de janeiro do corrente.

Tendo partido de Suez aos 21 de dezembro depois de ter estudado a enseada no mar Roxo, atravessou o isthmo de sul a norte, verificando de caminho os nivellamentos que se faziam havia tres mezes, e que habilitarão para se fixar definitivamente no *thalweg* (1) do valle o traçado do canal maritimo. Acampou a 28 de dezembro na praia de Pelusia, onde embarcou a 31 na fragata a vapor egypcia *Nilo*, que havia um mez ou cruzava ou estava ancorada na bahia, com uma corveta de vela servindo-lhe de deposito de carvão.

A commissão, na primeira vez que passou por Alexandria, tinha deixado instrucções a mr. Larousse subengenheiro da marinha, que levantou, com actividade e intelligencia notaveis, a carta de 14 Kilometros da costa; auxiliado por mr. Darnaud, engenheiro do vice-rei, e mr. Cianello, engenheiro italiano, poudo appresentar uma planta muito miuda da parte da bahia, cujo estudo lhe fôra commettido.

Enunciaremos os resultados inteiramente favoraveis e por assim dizer inesperados, que as observações forneceram.

Em frente das ruinas de Pelusia as sondas deram o fundo de 8 metros na distancia já conhecida de 7:500 metros da praia; mas, caminhando para oeste este fundo de 8 metros se approxima successivamente da costa, e torna a encontrar-se a 2:250 metros somente n'uma linha continua que se estende parallelamente á praia por espaço de 20 Kilometros. Era uma vantagem immensa; os engenheiros europeus não podiam deixar de aproveitá-la para marcar o ponto onde o futuro canal deverá desembocar no Mediterraneo.

Aproximando-se da praia na extensão d'esta linha de 20 Kilometros entre a boca ou foz denominada de Omfareg e a de Gamileh, as sondas deram em fundos excellentes e solidos, profundidades de 5 até 750 metros, de 6 até 1.600, e de 7 até 2:300; as profundidades de 9, 10, e 12 metros obtem-se successivamente a distancias de tres mil até seis mil metros.

(1) É um termo consignado hoje pela sciencia para significar o meio da corrente de um rio, da fundura de um valle etc. sobre tudo quando se trata da delimitação de fronteiras. Nas negociações de Rastadt em 1798 propoz-se para linha divisoria o *thalweg* do Rheno, isto é o meio do principal braco navegavel. Procede do allemão *thal* (valle) e *weg* (caminho).

Resulta d'estes factos importantes, que assim a hydrographia adquiriu, que as projecções das muralhas do canal na bahia de Pelusa, cuja agua é perfectamente limpida, não terão metade do comprimento que a principio se contava dar-lhe: o mesmo acontecerá no porto de Suez, que era conhecido quasi tão imperfeitamente como a bahia de Pelusia.

Eis o relatório da Commissão internacional.

«Por S. A. fomos chamados ao Egypto para estudar a questão do corte do isthmo de Suez: fornecendo-nos os meios de estudar no terreno o merecimento das diversas soluções propostas, nos convidou a submeter á sua consideração a que fosse mais facil, mais segura, mais vantajosa para o commercio da Europa.

«A nossa exploração, favorecida por um tempo propicio, facilitada e abbreviada pela amplidão dos meios materiaes postos á nossa disposição, acha-se concluida; fez que reconhecessemos obstaculos inumeraveis, ou para melhor dizer impossibilidades, na direcção do canal para Alexandria, e facilidades inesperadas para estabelecer um porto no golpho de Pelusia.

«O canal directo de Suez para o golpho de Pelusia é, portanto, a unica solução do problema da junção do mar Roxo com o Mediterraneo: a sua execução é facil, o exito seguro, os resultados immensos para o commercio do mundo. A nossa convicção n'este ponto é unanime, e desenvolveremos os motivos n'uma memoria circunstanciada, que se fundará nas plantas hydrographias das bahias de Suez e de Pelusia, nos perfis que mostram o relevo do solo, e nas perfurações que indicam a natureza dos terrenos atravessados pelo canal.

«A redacção d'esta memoria e as respectivas plantas e desenhos é trabalho longo e de monta, em que vamos occupa-nos activamente na Europa, de modo que possa ser submettido a S. A. passados alguns meses. Desde já nos apressamos a levar ao seu conhecimento as nossas conclusões:

«1.º O traçado para Alexandria é inadmissivel sob o aspecto tecnico e economico.

«2.º O traçado directo offerce toda a facilidade para a execução do canal maritimo propriamente dito, com um ramal para o Nilo, e as difficuldades ordinarias na criação de dous portos.

«3.º O porto de Suez abrir-se-ha n'uma enseada vasta e segura, accessivel em todo o tempo, e onde se acham oito metros d'agua a 1:600 metros da praia.

«4.º O porto, que se ha de crear no golpho de Pelusia e que o ante-projecto collocava no fundo do golpho, estabelecer-se-ha a 18 Kilometros mais para o oeste, na região em que se acham oito metros de agua a 2:300 metros da praia, e onde a ancoragem é boa e o aparelhar é facil.

«5.º A despesa do canal dos dous mares não excederá a somma de duzentos milhões expressa no ante-projecto dos engenheiros de S. A. o vice-rei.

Alexandria 2 de janeiro de 1856. Os membros da commissão — A. Renaud — Negrelli — J. Mac-Clean — Lieusseau, *secretario*.

O projecto do corte do isthmo de Suez tem todos os caracteres d'uma grande empresa europea, e tem adquirido geraes sympathias; só infunde receios a alguns estadistas inglezes, herdeiros d'uma politica que as idéas do seculo actual, tornam impraticavel. Essas apprehensões mal fundadas obstaram até agora a que a Porta ottomana sancionasse por um decreto imperial a official approvação já dada á empresa por uma carta do grão-vizir. Comtudo, ve-se quan-



tos progressos tem obtido a questão haverá um anno, e se a empresa continua a caminhar para a sua realisação, só com a unica reserva d'uma ratificação de pura formalidade, cada adhesão que adquirir será uma nova força, um novo argumento a seu favor. Em presença dos capitães d'uma associação regularmente constituida com fundos sufficientes, apenas esperando para metter mãos á obra a sanção do decreto imperial ottomano, a antiga politica britannica muito mal faria em prolongar a sua resistencia; e pode-se affirmar que não a prolongará, do que temos como provas os esforços impotentes que se tentaram, não para combater abertamente mas para descreditar a empresa.

M.



MANCEBO INDIO DE HONDURAS.

*(Concluido da pag. 56.)*

O projecto de caminho de ferro a que nos referimos, dá a tudo quanto é concernente ao estado de Honduras, um interesse de actualidade tanto maior, quanta era a falta de conhecimento d'este paiz quasi ignorado antes das investigações e trabalhos de M. Squier, que citamos no precedente artigo. Quer como colonia hespanhola, quer como membro da confederação republicana da America central, nunca fizera progressos no caminho da civilisação, e essas mesmas circumstancias concorreram para ser tão desconhecido do mundo culto como os sertões africanos: os grandes fluxos da emigração, as empresas commerciaes não procuravam as praias de Hondu-

ras. Agora, decorridos tres seculos de indifferentismo e de obscuridade, é de repente attraído na orbita do movimento moderno das populações, e vem a ser elemento importante na resolução de um dos mais elevados problemas do nosso tempo. Reflectindo-se com attenção observar-se-ha que não só o seu territorio apresenta uma configuração vantajosa para unir os dous oceanos, mas até que possui vastos recursos capazes de recompensar dignamente os homens industriosos e emprehedores que ali forem buscar fortuna. As suas montanhas estão litteralmente cheias de mineraes dos mais preciosos, e ha companhias de mineiros que largaram da California para irem extrahir ouro de minas mais copiosas no departamento de Olancho.

Pelo que respeita á agricultura Honduras, offerece productos ricos e variados. Nas costas do Atlantico o terreno abandonado á natureza produz florestas de mógano e de outras madeiras preciosas, e cultivado é proprio para abundantes safras de café, de caeou, algodão, arroz, anil, e tabaco, milho e outros generos tropicaes, ao passo que nas coroas dos montes onde o pinheiro supplanta as arvores de madeiras de marcenaria, o chão produz tambem com fatura os cereaes e batatas, e até a vinha e os fructos do norte e do centro da Europa conjunctamente com as outras produções indigenas.

Quanto ao clima cumpre notar que as costas do norte e do sul gozam de uma temperatura mais elevada do que as demais partes do paiz, a qual diminue á proporção que se penetra no interior do paiz. As planicies collocadas nos terrenos eminentes tem necessariamente um clima que muda conforme a sua elevação acima do nivel do mar e a sua exposição aos ventos dominantes. Em summa, o clima de Honduras offerece uma variedade adaptada a todas as exigencias e uma temperatura favoravel á cultivação dos productos de todas as zonas.

Os aspectos da natureza são tão numerosos quanto caracterizados. As condições de conformação, de altura e por consequencia de temperatura, a quantidade de chuva que costuma cahir nos declives das cordilheiras, são outras tantas causas que contribuem para diversificar as fórmulas com que a vegetação se offerece aos viajantes. O paiz é habitavel para os homens de todas as outras regiões do mundo.

M.

Feliz é a nação, onde não ha, nem opulentos orgulhosos, nem pobres miseraveis.

O ocio é pae do vicio, e avô do crime.

## AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou « por carta franca » dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.